

## **BÍBLIA E LITERATURA: o universo literário em C. S. Lewis**

***BIBLE AND LITERATURE: the literary universe in C. S. Lewis***

***BIBLIA Y LITERATURA: el universo literario en C. S. Lewis***

**Isabela Matilde Santana de Almeida\***

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião  
Belo Horizonte, MG, Brasil  
E-mail: [imsalmeida@sga.pucminas.br](mailto:imsalmeida@sga.pucminas.br)  
ORCID: [0009-0009-2191-0824](https://orcid.org/0009-0009-2191-0824)

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo refletir acerca das possíveis relações entre Bíblia e literatura, considerando as contribuições de C. S. Lewis em suas obras: *Um experimento na crítica literária* e *As Crônicas de Nárnia: O Leão, A Feiticeira e o Guarda-roupa*. A metodologia considera a pesquisa bibliográfica e de caráter documental, com base nos estudos das obras: *Um experimento na crítica literária* (Lewis, 2009, 2019); *As Crônicas de Nárnia: O Leão, A Feiticeira e o Guarda-roupa* (Lewis, 2002); *Bíblia e literatura* (Souza e Castro, 2024); e *O Código dos Códigos* (Frye, 2004). Os resultados da pesquisa evidenciam: (a) a Bíblia consiste em um dos grandes códigos da civilização ocidental, inspirando cenários reais e ficcionais, como tratado por Northrop Frye e (b) torna-se plausível observar que C. S. Lewis é um autor que foi capaz de deixar um legado para todas as gerações, uma vez que a sua forma de escrever foi capaz de atingir diferentes públicos ao contemplar temas relacionados à fantasia, mas também ao papel do homem no mundo, à vida em sociedade, a temas do cotidiano e reflexões sobre a vida e a morte.

**Palavras-chave:** Bíblia e Literatura; C. S. Lewis; Northrop Frye.

### **ABSTRACT**

*This article aims to reflect on the possible relationships between the Bible and literature, considering the contributions of C. S. Lewis in his works: An Experiment in Literary Criticism and The Chronicles of Narnia: The Lion, the Witch and the Wardrobe. The methodology is based on bibliographic and documentary research, drawing on studies of the following works: An Experiment in Literary Criticism (Lewis, 2009, 2019); The Chronicles of Narnia: The Lion, the Witch and the Wardrobe (Lewis, 2002); Bible and Literature (Souza and Castro, 2024); and The Code of Codes (Frye, 2004). The research results show: (a) the Bible is one of the great codes of Western civilization, inspiring real and fictional realities, as discussed by Northrop Frye, and (b) it becomes plausible to observe that C. S. Lewis is an author who was able to leave a legacy for all generations, since his writing style was able to reach different audiences by addressing themes related to fantasy, but also to the role of man in the world, life in society, everyday issues, and reflections on life and death.*

**Keywords:** Bible and Literature; C. S. Lewis; Northrop Frye.

\* Graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

**RESUMEN**

*Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las posibles relaciones entre la Biblia y la literatura, teniendo en cuenta las aportaciones de C. S. Lewis en sus obras Un experimento en crítica literaria y Las crónicas de Narnia: El león, la bruja y el armario. La metodología se basa en la investigación bibliográfica y documental, a partir del análisis de las siguientes obras: Un experimento en crítica literaria (Lewis, 2009, 2019); Las crónicas de Narnia: El león, la bruja y el armario (Lewis, 2002); Biblia y literatura (Souza y Castro, 2024); y El código de los códigos (Frye, 2004). Los resultados de la investigación muestran que: (a) la Biblia es uno de los grandes códigos de la civilización occidental, que inspira realidades reales y ficticias, como lo analiza Northrop Frye, y (b) se hace plausible observar que C. S. Lewis es un autor que pudo dejar un legado para todas las generaciones, ya que su estilo de escritura pudo llegar a diferentes audiencias al abordar temas relacionados con la fantasía, pero también con el papel del hombre en el mundo, la vida en sociedad, los problemas cotidianos y las reflexiones sobre la vida y la muerte.*

**Palabras Clave:** Biblia y literatura; C. S. Lewis; Northrop Frye.

**1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como principal objetivo refletir acerca das possíveis relações entre Bíblia e literatura, considerando as contribuições de C. S. Lewis em suas obras: *Um experimento na crítica literária e As Crônicas de Nárnia: O Leão, A Feiticeira e o Guarda-roupa*. O problema visa perguntar: como C. S. Lewis, em *um experimento na crítica literária e As Crônicas de Nárnia: O Leão, A Feiticeira e o Guarda-roupa*, apresenta contribuições para se pensar a relação entre Bíblia e literatura?

A metodologia consiste na pesquisa bibliográfica e tem caráter documental, com base nos estudos das obras: *Um experimento em crítica literária* (Lewis, 2009, 2019); *As Crônicas de Nárnia: O Leão, A Feiticeira e o Guarda-roupa* (Lewis, 2002); *Bíblia e literatura* (Souza, Castro, 2024); e *O Código dos Códigos* (Frye, 2014). É imprescindível pontuar que este estudo no que se refere à abordagem adotada, compreende a Bíblia não apenas em sua dimensão confessional, mas como um texto de elevada complexidade literária e simbólica.

Essa perspectiva aproxima-se das contribuições de Northrop Frye, ao reconhecer as Escrituras como um sistema imaginativo que estrutura narrativas, imagens e arquétipos recorrentes na tradição ocidental. É a partir desse horizonte que se torna possível analisar a obra de C. S. Lewis, evidenciando como o autor articula elementos bíblicos em sua construção narrativa e em sua concepção de leitura.

Frente a isso, qual a importância de tratarmos sobre esta temática em vista de uma abordagem analítica e interpretativa? É imprescindível ter em mente que a abordagem da relação entre Bíblia e literatura revela-se como uma discussão complexa, marcada por um campo de disputas, influências e tensões sociais, culturais, políticas e econômicas.

Não obstante, para Souza e Castro (2024), a relação entre Bíblia e literatura tem se consolidado como um campo interdisciplinar marcado por fatores epistemológicos e deslocamentos hermenêuticos. Frente a esse debate, não se trata de apresentar uma visão dualista ou dicotômica da realidade como se existisse completa separação entre sacralidade e ficção, realidade e imaginação.

Nessa conjuntura, Northrop Frye (2014) em *O Código dos Códigos* traz à luz a visão das escrituras sagradas não apenas como algo teológico, mas como uma ferramenta e um sistema simbólico que informa, tensiona e inspira produções culturais, artísticas e construções ficcionais que contribuem para a civilização ocidental.

A partir dessas constatações, este artigo não se limita apenas a discutir sobre Bíblia e literatura, mas mostrar como C. S. Lewis não apresenta apenas alusões ou paralelos temáticos, operando em nível estrutural e formativo. Argumenta-se que a Bíblia funciona, em sua obra, como horizonte simbólico que organiza tanto sua concepção de leitura quanto sua construção narrativa.

## **2 BÍBLIA E LITERATURA: DO QUE ESTAMOS TRATANDO AFINAL?**

Quais relações possíveis podemos construir a partir do paralelo entre Bíblia e literatura? Será que são áreas de oposições ou complementações? Quais as principais noções acerca deste tema que devemos ter em mente? É primordial ressaltar a urgente necessidade de entendermos que tratar da Bíblia e da literatura compreende uma posição consciente e responsável, a fim de evitar quaisquer equívocos e distorções.

Nesse prisma, para Souza e Castro:

no final do século XX começou a se construir um campo de pesquisa importante para os estudos sobre a Bíblia, no diálogo com a literatura. Apesar de desconfianças mútuas de teólogos e de críticos literários, o campo progressivamente mostrou sua relevância por trazer temáticas humanas e sociais importantes à análise, a partir do olhar de diferentes literatos. Personagens e narrativas presentes no livro sagrado dos cristãos e trazidos à cena em obras literárias, trazem diversas possibilidades de compreensão sobre dramas e desafios vivenciados nas experiências da humanidade em diferentes tempos e espaços. Assim, a intertextualidade marca presença nestes diálogos, assim como a abordagem sobre problemáticas que permitem vislumbrar novos campos de investigação para a Teoria Literária, Ciências da Religião, Teologia, História, Filosofia e outros campos do conhecimento. (Souza, Castro, 2024, p. 35)

Com base nesta constatação, entende-se que o campo de estudos que articula Bíblia e literatura constitui-se em espaço de tensão hermenêutica. De um lado, há posicionamentos confessionais e fundamentalistas que adotam a visão de que a Bíblia somente pode ser usada

por religiosos e fiéis reduzindo a escritura à condição de texto estético e doutrinário. Por outro lado, há posicionamentos seculares tendenciosos que tendem a esvaziar a dimensão religiosa ao tratá-la apenas como um texto histórico, cultural e um objeto de fenômeno natural.

O problema destas visões consiste na visão restrita das contribuições bíblicas, adotando uma postura restritiva e limitante. Entre esses polos, consolida-se um horizonte interpretativo que reconhece a complexidade textual da Bíblia sem negar sua densidade teológica.

Souza e Castro alertam-nos para que tenhamos o discernimento de que discutir sobre Bíblia e literatura requer uma postura crítica e não fundamentalista.

Os encontros entre a Bíblia e a literatura atravessaram diversos momentos históricos e de concepções teóricas, bem como a desconfiança mútua e até mesmo a recusa a algumas possibilidades de estudo. Muitos religiosos entendem como a negação da sacralidade da Bíblia o desenvolvimento de pesquisas que lançam olhares da crítica literária para compreender figuras de linguagem e até mesmo aspectos ontológicos e teológicos, ao analisar personagens e narrativas complexas e instigantes como o livro de Jó ou o relato da criação do mundo. (Souza, Castro, 2024, p. 36)

A partir desta constatação, também é possível discutir que a Bíblia, ao ser essa fonte de inspiração, é um livro que inspira na repreensão, na correção, na educação e por que não mencionar na formação cultural de uma sociedade? Afinal, tanto autores cristãos como não cristãos estudam a Bíblia para poder conhecê-la, discuti-la e interpretá-la a partir de novos horizontes de leitura.

Northrop Frye (1912-1991), teórico-literário canadense, em *O código dos códigos: a Bíblia e literatura*, problematiza o fato de a Bíblia ser o grande código da civilização ocidental ao inspirar tanto cristãos quanto não cristãos. Essa inspiração ocorre na ciência, na arte, na cultura, e, principalmente, na literatura. Logo nas primeiras páginas do seu livro, apresenta a seguinte questão:

este livro tenta estudar a Bíblia do ponto de vista de um crítico literário. Minha ideia inicial era fazer uma inspeção indutiva e tão completa quanto possível da narrativa e da imagética bíblicas. Seguir-se-iam algumas explicações sobre como estes elementos da Bíblia montaram uma estrutura imaginativa - um universo mitológico, como gosto de dizer - dentro do qual a literatura do Ocidente operou até o século XVIII, e dentro do qual ela ainda opera em grande parte [...] A Bíblia é um livro que conta histórias, com diversos personagens intrigantes e temas interessantes. Por isso, não é surpresa que a Bíblia possa ser analisada sob a ótica de uma obra literária, pois, nas palavras de Frye, “nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio, características de obra literária” (Frye, 2004, p. 12-14).

A proposta de Northrop Frye em *O Código dos Códigos* representa um marco decisivo

nesse debate. Ao afirmar que a Bíblia constitui o “grande código” da civilização ocidental, Frye desloca a questão da verdade religiosa para a estrutura imaginativa. O texto bíblico é compreendido como sistema mitopoético que organiza narrativas, imagens e arquétipos recorrentes na literatura ocidental.

O diálogo entre Bíblia e literatura não consiste em mera comparação temática, mas na investigação das estruturas narrativas que atravessam ambos os campos. A intertextualidade torna-se insuficiente como categoria explicativa; o que está em jogo é a permanência de um imaginário estruturante.

A partir de uma perspectiva crítica, é possível reconhecer a Bíblia –simultaneamente – como escritura sagrada e como obra de elevada complexidade literária, cuja riqueza simbólica permite múltiplas camadas de interpretação. Assim, o diálogo entre esses campos não implica a negação da fé nem a redução da literatura, mas a ampliação dos horizontes hermenêuticos.

### **3 O UNIVERSO LITERÁRIO EM C. S. LEWIS EM *UM EXPERIMENTO NA CRÍTICA LITERÁRIA***

Clive Staples Lewis (1898 – 1963), mais conhecido, popularmente, como C. S. Lewis ou Lewis, foi um escritor, professor e crítico literário irlandês vindo de uma família de boa condição social. Sendo um dos grandes intelectuais e escritores do século XX, escreveu obras como: *Cristianismo puro e simples*, *Surpreendido pela alegria*, *Cartas de um diabo a seu aprendiz*<sup>1</sup>, *A abolição do homem* e a série de literatura infanto-juvenil *As Crônicas de Nárnia*. C. S. Lewis, desde muito pequeno, tinha uma extrema inteligência e capacidade imaginativa que possibilitava pensar em realidades imaginárias, criando histórias e personagens.

Eu desejava muito construir coisas navios, casas, motores. Estraguei muitas folhas de cartolina e muitas tesouras, só para transformar em lágrimas os meus fracassos inevitáveis. Como último recurso, por não ver outra saída, fui forçado então a escrever histórias; e nem imaginava o mundo de felicidade em que estava entrando. Você pode fazer mais com um castelo numa narrativa do que com o melhor castelo de cartolina que jamais se viu sobre a mesinha de uma criança (Lewis, 1998, p. 20).

Sob esse prisma, nota-se que C. S. Lewis, desde criança, já tinha um intenso contato

---

<sup>1</sup> Este é o título da edição mais recente no Brasil, pela Editora Thomas Nelson. O livro foi anteriormente publicado por Edições Vida Nova com o título *Cartas do inferno* e pela Editora Loyola com o título *Cartas do Coisa-Ruim*.

com o mundo dos livros, o que produzia encanto, curiosidade e aprendizado, enriquecendo a sua mente, os seus sonhos e a sua própria vida. Nesse processo, a literatura conduziu a pensar sobre os rumos que daria para a sua vida, visto que se as habilidades manuais pouco tinham, as habilidades intelectuais o enriqueciam de vontade, prazer e desejo de conhecer mais a si mesmo, as pessoas e o mundo.

Em *Um experimento na crítica literária*, é apresentada a visão de C. S. Lewis acerca da leitura, do papel da literatura como um fim em si mesmo. Para Lewis (2019), é fundamental pensarmos acerca da importância da formação de sujeitos leitores que sejam ativos e não agentes passivos. Ou seja, pessoas que somente leem livros, mas que não sabem de fato do que leram, pois não realizaram uma conexão profunda com a leitura, lendo de forma apressada e pretensiosa.

Para o autor, a experiência literária seria capaz de curar as pessoas da sua individualidade e superficialidade, prova disso está em sua afirmação acerca de que a:

experiência literária cura a ferida da individualidade sem arruinar seu privilégio. Há emoções de massa que também curam a ferida, mas destroem o privilégio. Nelas, nossos seres isolados fundem-se entre si, e afundamos de volta à subindividualidade. Mas lendo a grande literatura, torno-me mil homens e ainda permaneço eu mesmo. Como o céu noturno no poema grego, vejo com urna miríade de olhos, mas ainda assim sou eu quem vê. Aqui, tal corno no ato religioso, no amor, na ação moral e no conhecimento, transcendendo a mim mesmo. E nunca sou mais eu mesmo do que ao fazê-lo (Lewis, 2009, p. 123).

Para Lewis (2019), existiriam dois grupos de leitores. O primeiro correspondendo às pessoas que até costumam ler algum livro, mas apenas como um *passatempo*, um *divertimento*, uma atividade a ser realizada quando não há algo melhor para fazer. Já o segundo grupo dos sujeitos letrados são aquelas pessoas que até compreendem mais acerca da leitura, mas que necessitam ainda assim de profundidade em suas ações.

Para C. S. Lewis um sujeito iletrado não é alguém mais ou menos inteligente, mas uma pessoa *superficial*. “Um traço característico de um homem literariamente iletrado é que ele considera ‘Eu já li isso’ um argumento conclusivo contra a leitura de qualquer obra.” (Lewis, 2009, p. 8).

A maioria das pessoas, embora às vezes seja leitora assídua, não dá muita importância à leitura. As pessoas se voltam à leitura como última opção e a abandonam com entusiasmo assim que qualquer alternativa de passatempo se faça presente. A leitura é reservada para viagens de trem, doenças, momentos atípicos de solidão forçada ou para o processo chamado “ler para adormecê-lo.” (Lewis, 2009, p. 8).

A distinção entre leitores *literariamente letrados* e *iletrados* revela que, para Lewis,

o problema não está no texto, mas na postura hermenêutica do leitor. Tal perspectiva desloca a discussão sobre a Bíblia: não se trata de defender ou negar sua sacralidade, mas de questionar como ela é lida. A leitura literária da Bíblia não a dessacraliza; ao contrário, amplia sua potência formativa.

Por fim, em *Um experimento na crítica literária*, podemos ter em vista que ler a Bíblia como literatura representa não uma perda da conexão com os textos bíblicos, mas o discernimento dos diferentes tipos textuais, inclusive o literário. Assim, C. S. Lewis traz a subjetividade da literatura discutindo a respeito do que é um sujeito leitor, do que seria a experiência literária e de como essa questão pode contribuir na vida das pessoas aumentando o referencial do indivíduo e curando a ferida da individualidade e da superficialidade.

#### **4 O UNIVERSO LITERÁRIO EM C. S. LEWIS EM AS CRÔNICAS DE NÁRNIA: O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA**

*O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa* é um dos principais clássicos de C. S. Lewis da série *As Crônicas de Nárnia* que contempla os sete livros: *O sobrinho do mago*; *O Leão A Feiticeira e o Guarda-Roupa* (obra que discutiremos ao longo desta parte); *O cavalo e o seu menino*; *Príncipe Caspian: o retorno a Nárnia*; *A viagem do Peregrino da Alvorada*; *A cadeira de prata*; e *A última batalha*.

O contexto de *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa* se deu após a Segunda Guerra Mundial, momento marcado por um mundo de crises sociais, políticas, econômicas e culturais, o que impactava, fortemente, em relação aos aspectos da ética e da moral.

A literatura, em C. S. Lewis, torna-se, portanto, um meio de mediação dessa experiência, articulando fantasia e transcendência em uma mesma estrutura narrativa. Prova disso se insere quando é tratado do retorno e da coroação do reinado em Nárnia.

É claro que um dia vocês voltarão a Nárnia. Quem é coroado rei em Nárnia, será sempre rei em Nárnia. Mas não tentem seguir o mesmo caminho duas vezes. Na verdade, vocês nem devem fazer coisa alguma para voltar a Nárnia. Nárnia acontece. Quando menos esperarem, pode acontecer. E não falem muito sobre o que aconteceu, mesmo entre vocês. Sobretudo, não digam nada aos outros. A não ser se descobrirem que eles próprios visitaram países do mesmo gênero. O quê? Como irão saber? Ora, ora, não é nada difícil, não se incomodem. Coisas que as pessoas dizem... Até pelo olhar... e lá se foi o segredo. Abram bem os olhos! Céus! O que é que estão ensinando às crianças na escola? E chegamos ao fim das aventuras do guarda-roupa. Mas, se o professor tinha razão, as aventuras em Nárnia estavam apenas começando (Lewis, 2002, p. 88).

Com base nesta constatação, a presente experiência narrada aproxima-se da lógica

simbólica presente na tradição bíblica, na qual o encontro com o sagrado não pode ser – plenamente – explicado ou reproduzido, mas apenas vivido e reconhecido. C. S. Lewis não queria que fizessem interpretações alegóricas da obra, mas que se usasse a suposição: suponha que existisse um mundo chamado Nárnia e suponha que um salvador viesse resgatá-lo, como seria a história?

Nessa circunstância, é interessante frisar que é trazido não somente o enredo da história em si, mas ensinamentos para a vida, como exemplo, o valor da amizade entre irmãos, a necessidade de se ajudarem reciprocamente diante do perigo. Além disso, são trabalhados os valores da lealdade, da ética, da moral, da cumplicidade e da necessidade de abnegação, que é uma característica presente, principalmente, na figura do *Aslan* representado pelo leão, que é um animal corajoso, governante, esperto, leal e que conduz o seu grupo. A organização narrativa da história estrutura-se a partir de um movimento tríplice: desordem, sacrifício e renovação.

O mundo de Nárnia encontra-se sob domínio de um inverno permanente, metáfora de estagnação e ruptura da ordem vital. Essa condição de suspensão da vida funciona como imagem literária de um mundo marcado pela corrupção e pela perda da harmonia original. O inverno que *nunca termina* não é apenas cenário, mas símbolo de um cosmos desajustado, cuja restauração dependerá de uma intervenção sacrificial.

Nesse ponto emerge a figura de *Aslan*, cuja presença reorganiza o eixo simbólico da narrativa. A construção do personagem articula força, autoridade e mansidão, reunindo atributos régios e sacrificialidade. A morte voluntária de *Aslan* em lugar do traidor inaugura o ponto de inflexão estrutural da obra. Aqui, a narrativa assume claramente a lógica de substituição vicária: o inocente se entrega pelo culpado. Entretanto, a força literária do episódio não reside na simples correspondência com o relato evangélico, mas na incorporação dessa lógica ao interior da mitologia própria de Nárnia.

A chamada *magia profunda* que exige a morte do traidor remete à ideia de uma ordem moral inscrita na própria estrutura do mundo narrativo. Contudo, a *magia ainda mais profunda* – anterior à aurora do tempo – revela que o sacrifício livremente assumido possui potência restauradora superior à justiça punitiva. Essa dinâmica simbólica ecoa a tradição bíblica sem reduzi-la a paralelismo mecânico. A narrativa não explica teologicamente o sacrifício; ela o dramatiza miticamente.

Quais possíveis relações e contribuições podemos fazer entre a Bíblia e a literatura a partir da obra *As Crônicas de Nárnia: O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*? Esta é uma narrativa carregada de simbologias, analogias, metáforas e comparações do elemento mítico

que se relacionam ao fenômeno religioso.

Nesse cenário, para C. S. Lewis, a literatura não se limita à construção de mundos imaginários, mas opera como espaço de reflexão sobre a verdade, a experiência e a formação do sujeito. Ao dialogar com estruturas simbólicas presentes na tradição bíblica, a narrativa demonstra que o acesso à verdade não se dá por imposição, mas por abertura interpretativa, sensibilidade e disposição interior.

Durante alguns dias, sentiu-se muito infeliz. Podia resolver a questão num instante, bastando declarar que tinha inventado aquela história. Mas Lúcia gostava de falar a verdade, e tinha certeza de que não estava enganada. Os outros, pensando que era tudo mentira, e mentira boba, davam-lhe um grande desgosto. Os dois mais velhos faziam isso sem querer, mas Edmundo costumava bancar o mau, e estava sendo mau daquela vez. Zombava de Lúcia, chateando-a o tempo todo, perguntando se ela não tinha achado outras terras misteriosas nos numerosos armários que existiam por toda a casa (Lewis, 2002, p. 15).

A partir desta cena, podemos refletir acerca de que a narrativa sugere que a verdade não se reduz àquilo que pode ser imediatamente comprovado. Afinal, muitas experiências que ocorrem com as pessoas estão relacionadas à sua vivência subjetiva. A insistência de Lúcia em afirmar a veracidade de sua experiência, mesmo diante da incredulidade alheia, evidencia um dos aspectos centrais da concepção de leitura em C. S. Lewis: a experiência vivida possui primazia sobre julgamentos externos superficiais.

A recusa dos personagens em acreditar em Lúcia revela uma limitação da percepção que privilegia apenas o visível e o verificável. Em contraposição, a narrativa valoriza a imaginação como via legítima de acesso à verdade. Tal perspectiva aproxima-se da compreensão de que tanto a Bíblia quanto a literatura operam por meio de linguagem simbólica, exigindo do leitor não apenas racionalidade, mas sensibilidade interpretativa.

Nessa jornada, C. S. Lewis usou elementos da mitologia grega e nórdica, como também os tradicionais contos de fadas, em que os animais falam. A magia é frequente e ocorrem batalhas entre o bem e o mal, em que o leão “Aslan” ajuda a derrotar a feiticeira e trazer a paz de volta à Nárnia.

Outros aspectos que se relacionam com a Bíblia e a literatura correspondem à comparação de *Aslan* com o *Leão de Judá* tratado na narrativa bíblica. Assim, uma das falas interessantes consiste na seguinte citação: “O mal será bem quando Aslan chegar. Ao seu rugido, a dor fugirá, nos seus dentes, o inverno morrerá, na sua juba, a flor há de voltar” (Lewis, 2002, p. 39).

Esse trecho revela o entendimento de que a figura de Aslan era de um ser protetor,

guardião, capaz de se sacrificar em prol das outras pessoas. Tal personagem central que lembra uma figura de divindade assume uma força, resiliência, gentileza, ao mesmo tempo, em que é tomada pela ira, pelo senso de justiça, de verdade e de compaixão.

Dessa forma, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* evidencia que, em Lewis, Bíblia e literatura não ocupam esferas antagônicas. A fantasia torna-se espaço privilegiado para reinscrever categorias bíblicas em linguagem simbólica acessível a diferentes públicos. O texto ficcional não substitui a Escritura, mas dialoga com sua estrutura imaginativa, demonstrando que o código bíblico continua operante na produção literária contemporânea.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões apresentadas ao longo deste artigo, foi possível ter como principais aprendizados e ensinamentos acerca de que a Bíblia consiste no grande código da civilização ocidental, inspirando, principalmente, no campo da literatura. Dessa maneira, em: *Um experimento na crítica literária* e *As Crônicas de Nárnia: O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*, visualizamos que C. S. Lewis foi um dos principais autores do século XX, tendo grande importância e contribuição para a literatura geral, literatura infanto-juvenil e para a área da educação, que contribuiu muito para a relação entre literatura e Bíblia, tanto teoricamente, quanto em sua obra de ficção.

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permite afirmar que a relação entre Bíblia e literatura, na obra de C. S. Lewis, não se configura como simples intertextualidade temática ou apropriação moralizante de conteúdos cristãos, na qual o imaginário bíblico atua como matriz organizadora da experiência narrativa.

Ao dialogar com a proposta de Northrop Frye em *O Código dos Códigos*, evidenciou-se que a Bíblia pode ser compreendida como sistema simbólico que molda o horizonte cultural ocidental. Nesse sentido, a obra lewisiana não apenas ecoa categorias bíblicas, mas reinscreve o código narrativo cristão no interior da fantasia moderna, demonstrando sua vitalidade estética.

Em *Um experimento na crítica literária*, a teoria da leitura proposta por Lewis desloca o foco do texto para a postura do leitor, sugerindo que a experiência literária possui potência formativa. Já em *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, observa-se a dramatização mítica de categorias como sacrifício, redenção e restauração, estruturadas segundo lógica que dialoga com o imaginário bíblico sem se reduzir a alegoria direta.

Desse modo, a contribuição de Lewis para o campo Bíblia e Literatura consiste em

evidenciar que a fantasia pode operar como espaço legítimo de elaboração teopoética. A narrativa ficcional não substitui a Escritura nem a reduz a recurso simbólico superficial; antes, amplia sua inteligibilidade ao reinscrevê-la na experiência estética.

Conclui-se, portanto, que o diálogo entre Bíblia e literatura, longe de representar ameaça à sacralidade do texto bíblico, revela sua força estruturante na constituição do imaginário cultural. A obra de Lewis demonstra que a literatura fantástica pode funcionar como mediação simbólica capaz de formar leitores e de renovar, em linguagem mítica, questões fundamentais da experiência humana.

## REFERÊNCIAS

FRYE, Northrop. **O Código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. Tradução de Flávio Aguiar – São Paulo: Boitempo, 2004.

LEWIS, C. S. **As Crônicas de Nárnia**. Volume II. O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa. Tradução Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

LEWIS, C. S. **Um experimento na crítica literária**. Tradução de João Luís Ceccantini. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LEWIS, C. S. **Um experimento em crítica literária**. Tradução de Carlos Caldas. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2019.

SOUZA, César Martins de; CASTRO, Weverton. Bíblia e literatura: diálogos/encontros na construção e consolidação de um campo de pesquisa. **TEOLITERARIA - Revista de Literaturas e Teologias**, [S. l.], v. 14, n. 32, p. 35–57, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2236-9937.2024.66994>. Acesso em: 24 fev. 2026.

*Apoio:* Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

*Conflito de interesses:* A autora declara não haver conflito de interesses.

*Recebido em:* 25-02-2026

*Aprovado em:* 01-06-2026

*Editor-gerente:* Moisés Sbardelotto